

# ESSE BLOCO É MEU: NOÇÕES DE PERTENCIMENTO E APROPRIAÇÃO NOS BLOCOS CARNAVALESCOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

## THIS IS MY PARADE: CONCEPTS OF BELONGING AND APPROPRIATION IN THE RIO DE JANEIRO STREET CARNIVAL PARADES

### Tiago Luiz dos Santos Ribeiro<sup>1</sup>

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 – 11<sup>o</sup> andar – bloco E  
Maracanã – 20550-010 – Rio de Janeiro – RJ  
E-mail: tiago\_cinema@hotmail.com

### Felipe Ferreira<sup>2</sup>

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 – 11<sup>o</sup> andar – bloco E  
Maracanã – 20550-010 – Rio de Janeiro – RJ  
E-mail: [felipeferreira@pobox.com](mailto:felipeferreira@pobox.com)

**Resumo:** A partir da criação das agremiações carnavalescas Cordão do Boi Tolo, Bijou da Baía e Saymos do Egyto – originadas do cancelamento/adiamento dos cortejos do Cordão do Boitatá, Pérola da Guanabara e Viemos do Egyto, respectivamente –, somado ao protesto pela proibição do desfile do Minha Luz é de Led, em 2020, este artigo visa estudar os blocos de carnaval do Rio de Janeiro por meio das teorias de liminaridade (TURNER, 1974) e performance (SCHECHNER, 2012), observando os ritos de passagem e os sistemas normativos destes grupos. Através das noções de pertencimento e apropriação, destacamos as relações estabelecidas entre estas agremiações e seus foliões, levando em conta a relevância das redes sociais, o caráter descentralizado destas estruturas e as diferentes estratégias dos atores envolvidos, visando identificar as tensões e os processos de negociação destas entidades constantemente apontadas como anárquicas.

**Palavras-chave:** carnaval, bloco de carnaval, pertencimento, apropriação.

**Abstract:** This article aims to study Rio de Janeiro's carnival parades through theories of liminality (TURNER, 1974) and performance (SCHECHNER, 2012) by analyzing their rites of passage and normative systems. The scope of this investigation will focus on the creation of the following carnival parades: Cordão do Boi Tolo, Bijou da Baía and Saymos do Egyto - which originated from the cancellation/postponement of the processions of Cordão do Boitatá, Pérola da Guanabara and Viemos do Egyto, respectively – in addition to the protest against the prohibition of the Minha Luz é de Led parade. Through belonging and appropriation conceptions, this examination highlights the relationships established between these associations and their revelers by taking into account the relevance of social networks, the decentralized character of these structures and the different strategies of the involved stakeholders. Thus, this work intends to identify the tensions and negotiation processes adopted by these entities – which are constantly seen as anarchic.

**Keywords:** carnival, street carnival parades, belonging, appropriation.

<sup>1</sup> Doutorando em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Carnavalesco e ator; Mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Graduado em Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade) pelo Centro Universitário Augusto Motta.

<sup>2</sup> Felipe Ferreira é professor do curso de Artes e dos programas de pós-graduação em Artes (PPGARTES) e em História da Arte (PPGHA) do Instituto de Artes da Uerj, Doutor em Geografia Cultural (UFRJ) com pós-doutorado em Letras (Sorbonne Nouvelle - Paris III), Mestre em Artes (UFRJ) e Bacharel em Artes Cênicas (UFRJ).

Conhecido como uma festa “sem dono”, descentralizada, cujo protagonismo é entregue ao corpo de todos os sujeitos anômicos – como aponta Roberto DaMatta<sup>3</sup> -, o carnaval encontra nos blocos uma de suas estruturas reconhecidas por este aspecto mais democrático<sup>4</sup>, relevando uma dinâmica diferenciada em relação a outros festejos de Momo. Enquanto as escolas de samba, possuem estatutos, diretoria organizada, eleição de presidência, desfilam sob regulamento rígido, recebem verba pública, enfim, estão inseridas numa rede de relações de poder que envolvem diversos atores e acordos a cumprir,<sup>5</sup> os blocos de rua cariocas<sup>6</sup>, por não receberem subvenção e não desfilarem em competição, são caracterizados pelo seu formato mais simples, o que leva a autores como Maria Teresa Guilhon Macieira de Barros<sup>7</sup> a rivalizar o “exemplo de organização interna” das escolas com a imagem de liberdade dos blocos.

Comumente criados através de encontros de amigos, os blocos de carnaval se amparam no artigo 5, parágrafo XVI, da Constituição Federal, que permite à população “reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização”. Deste modo, caso o bloco não tenha optado por se oficializar na Prefeitura (o

---

<sup>3</sup> DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Rocco, 1979.

<sup>4</sup> Em pesquisa qualitativa (focus group) realizada com grupos de foliões, em 2007, o caráter democrático dos blocos foi apontado como uma de suas maiores qualidades, assim como a informalidade, a irreverência, entre outros. Cf. BOSCHI, Marcelo Rosa. O carnaval como fenômeno de atração e retenção de turistas na cidade do Rio de Janeiro: um olhar sobre grupos distintos de foliões de blocos da Zona Sul da cidade. Dissertação (Mestrado executivo em gestão empresarial) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2007.

<sup>5</sup> Em 2018, por exemplo, há poucos dias do carnaval, foi anunciado que a Caprichosos de Pilares não desfilaria por não possuir representante legal para assinar os contratos com a Riotur e com a Liga Independente das Escolas de Samba do Brasil (LIESB), uma vez que o então presidente da agremiação, Carlos Leandro, foi afastado do cargo por decisão judicial. Como consequência, a Caprichosos foi automaticamente rebaixada para a Série D, quinta divisão das escolas de samba cariocas (Disponível em: <https://setor1.band.uol.com.br/tradicional-escola-do-rio-caprichosos-nao-desfilara-em-2018/>) Acesso em: 11 dez, 2019. Em 2019, a questão se repetiu, pois, sem uma ata de posse da diretoria registrada no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, a LIESB ficava impedida de repassar as verbas públicas do desfile. Novamente a escola foi rebaixada, chegando à última divisão do carnaval carioca (Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/carnaval/2019/colunas/anderson-baltar/2019/01/21/pelo-segundo-ano-seguido-caprichosos-de-pilares-nao-desfilara.htm>) Acesso em: 11 dez, 2019.

<sup>6</sup> Utilizamos a expressão “blocos de rua” para diferenciar dos blocos de empolgação e blocos de enredo, que possuem um formato mais estruturado, com dia e local de desfile únicos, por exemplo.

<sup>7</sup> BARROS, Maria Teresa Guilhon Macieira de. Blocos: vozes e percursos da reestruturação do carnaval de rua do Rio de Janeiro. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013.

que lhe obriga a seguir suas normas),<sup>8</sup> este tipo de agremiação, em tese, goza de uma vantajosa facilidade para que o seu núcleo organizador prepare o seu desfile.

Porém, esta “rivalidade” entre as estruturas destes agrupamentos com as das escolas de samba pode sugerir que os blocos de rua não possuem regras ou até mesmo relações de disputa entre si. Pelo contrário, pretendemos, através dos desdobramentos ocorridos após o cancelamento (ou adiamento) dos desfiles de quatro destes blocos, mostrar como esta brincadeira carnavalesca - tida como mais anárquica – também dialoga com a normatização, através de suas redes de relação vistas de modo não tão claro ou fixo como em outras organizações carnavalescas. Deste modo, nos interessa notar as formas inventivas de relativização da ordem social nessas manifestações.

Para tanto, apresentamos o surgimento de três agrupamentos carnavalescos<sup>9</sup> (Bijou da Baía, Cordão do Boi Tolo e Saymos do Egyto), criados como resposta ao cancelamento (ou adiamento) dos desfiles de três outros blocos (Pérola da Guanabara, Cordão do Boitató, e Viemos do Egyto, respectivamente), que, somados ao protesto pela proibição do cortejo do Minha Luz é de Led, em 2020, revelam as diferentes estratégias elaboradas pelos seus foliões para driblar a não realização destas apresentações. Neste cenário invocamos Néstor Garcia Canclini<sup>10</sup>, que a partir do conceito do hibridismo, destaca que as formas culturais se originam de fusões conflituosas, com diversos atores sociais interagindo, misturando-se, negociando e formando identidades que não são fixas, que estão em constante fluidez.

Neste contexto, em que um bloco de carnaval se revela algo intangível, uma ideia que se materializa no canto e na dança de pessoas momentaneamente reunidas por interesses em comum, observaremos esta manifestação popular não como um todo homogêneo – como o termo genérico “bloco” pode sugerir –, mas como um conjunto de partes. Seguindo esta

---

<sup>8</sup> Regida pelo decreto nº 32.664 de 11 de agosto de 2010, que dispõe sobre as normas e procedimentos para os desfiles de blocos carnavalescos no município do Rio de Janeiro, a “oficialização” dos blocos exigiu, para 2020, por exemplo, o cadastramento das agremiações interessadas até o dia 31 de julho de 2019, cuja autorização era da competência da Secretaria de Estado de Turismo (SETUR) e da Empresa de Turismo do Município (RIOTUR), condicionadas ao parecer da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET- RIO) e ao Nada a Opor das Coordenadorias das Áreas de Planejamento (Subprefeituras). Apesar disso, em 2019, por exemplo, o Chora Me Liga, que constava na lista de blocos autorizados pela Prefeitura, teve seu desfile cancelado um dia antes da data marcada por falta de aval da Polícia Militar. Cf. ROMEO, Madalena. Os altos e baixos do superlativo carnaval de rua. O Globo, Rio de Janeiro, p. 18, 7, mar. 2019.

<sup>9</sup> Embora utilizemos, ao longo do trabalho, variadas formas de nomear estes grupos, optamos aqui pela expressão “agrupamentos carnavalescos” para dar uma dimensão da problemática de classificação dos mesmos, que podem ser considerados blocos ou não. O Pérola da Guanabara, por exemplo (através do seu representante, Guilherme Pecly, em entrevista ao autor deste trabalho, em 11 de julho de 2019, por e-mail) aponta que não sabia se ainda era ou se já foi um bloco de carnaval, mesmo já tendo constado na lista de blocos oficiais da Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2018.

<sup>10</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

premissa, dividimos este artigo em três momentos: o primeiro, abordando o cancelamento (ou adiamento) dos blocos carnavalescos Minha Luz é de Led, Pérola da Guanabara, Viemos do Egyto e Cordão do Boitatá como oportunidade para o surgimento de iniciativas como o Minha Luz é Resistência, Meu Carnaval é de LED, Ninguém Apaga o Meu Led, Bijou da Baía, Saymos do Egyto e Cordão do Boi Tolo, investigando o papel dos seus foliões na dinâmica destes intentos. No segundo momento, nos debruçamos sobre a rede de relações sociais que oportunizaram a criação destes novos grupos e propostas, incluindo o papel das mídias sociais virtuais, revelando a importância destas redes para a organização dos blocos carnavalescos. Por fim, apresentamos as relações entre os novos blocos (e o protesto contra a proibição do Minha Luz é de Led) e os agrupamentos que lhes serviram de inspiração, abordando suas semelhanças, diferenças e interações, observando o caráter de transformação destes grupos.

Para tanto, a metodologia deste trabalho se ampara em pesquisa em livros e artigos, acervos de jornais na Web, entrevistas com representantes de alguns dos blocos carnavalescos envolvidos<sup>11</sup> e observação participante. Vale salientar que, devido à complexidade em se apontar quem poderia ser considerado um porta-voz destas agremiações, justamente num artigo que aborda a descentralização deste grupo, nosso critério foi utilizar as respostas daqueles que atenderam às solicitações de entrevista através das páginas oficiais dos blocos, assim como os posts publicados nestes perfis, como uma fala institucional do grupo.

### **ESSE BLOCO É MEU:**

No dia 17 de fevereiro de 2020, segunda-feira anterior ao carnaval, por volta das 9 horas da manhã, o bloco carnavalesco Minha Luz é de Led, inspirado na alegoria emblemática do Cristo Redentor coberto por sacos plásticos da Beija-Flor de Nilópolis, em 1989, utilizou as suas redes sociais (Facebook e Instagram) para fazer um comunicado oficial, informando que estaria proibido de desfilar (Figura 1).

---

<sup>11</sup> Entrevistamos representantes dos blocos Cordão do Boi Tolo, Pérola da Guanabara e Saymos do Egyto, além do organizador do evento Ninguém Apaga o Meu Led. Apesar de várias tentativas de contato (por e-mail, Instagram e Facebook), não obtivemos resposta do Viemos do Egyto e Cordão do Boitatá. O Bijou da Baía, o Minha Luz é Resistência e o Meu Carnaval é de LED não possuem redes sociais.

**Figura 1:** Post do bloco Minha Luz é de Led informando sobre o cancelamento do seu desfile em 2020, inspirado na frase “mesmo proibido olhai por nós!” utilizada numa alegoria da Beija-Flor de Nilópolis, em 1989.



Fonte: Fotografia de Victor Curi / Facebook do Minha Luz é de Led

Na publicação<sup>12</sup>, o bloco explica em detalhes os motivos da proibição, relatando o processo burocrático que as agremiações não oficializadas<sup>13</sup> têm de lidar para realizarem as suas apresentações sem que se corra o risco de sofrerem alguma multa ou interrupção da festa:

Em agosto de 2019 começamos o processo de legalização do evento junto à Prefeitura. Por sermos noturnos, a Riotur não nos reconhece como bloco e precisamos fazer a legalização como evento de rua, o que é muito mais burocrático e custoso. Em janeiro, 6 meses após o início desse processo, conseguimos o documento de permissão para o evento, emitido pela prefeitura. Mesmo assumindo todos os custos e cumprindo todas as exigências como: contratação de posto médico, ambulância, UTI móvel, segurança, banheiros, limpeza, brigadistas e extintores, mesmo tendo feito reuniões com a secretaria de eventos, com engenheiros da prefeitura para localizarmos nosso palco num lugar que mais respeite as regras da cidade,

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B8qvGSfppvi/>. Acesso em 17 jun. 2020.

<sup>13</sup> Os blocos considerados oficiais são os que têm seus requerimentos para realização de desfiles aprovados pela Riotur. Entre os dados solicitados no requerimento constam: nome do responsável, endereço, telefone e documentos de identidade (dados retirados do link de cadastramento de blocos, disponível em: <https://www.carnaval.rio/>. Acesso em: 11 ago. 2019). Porém, como o exemplo mostra, alguns blocos não saem em completa clandestinidade, solicitando outros tipos de autorização.

além de muitos outros esforços, nosso processo foi indeferido no dia 6 de fevereiro pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Entramos com recurso, marcamos reuniões em várias instâncias, mas ainda assim a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro não permitiu nosso carnaval. A PM alega que não podemos sair este ano porque em 2019 os foliões fecharam a saída do Túnel Marcelo Alencar (que fica na altura da Praça Marechal Âncora). Apesar de nosso esforço para legalizarmos o bloco em um local maior e mais seguro para o público e a cidade, além de todos os outros esforços para estarmos de acordo com as exigências da prefeitura, nenhuma preocupação nossa fez diferença e estamos sendo punidos pelo ano passado. Fizemos realmente tudo que estava ao nosso alcance do ponto de vista burocrático e legal, mas não foi suficiente. Infelizmente não temos mais nenhuma alternativa, estamos de mãos atadas.

Entre os mais de 4000 comentários somados nas duas redes sociais, muitas críticas ao poder público e discursos de “morte do carnaval do Rio”, além de algumas campanhas para que os foliões ocupassem a Praça Marechal Âncora, na quinta-feira seguinte, por volta das 22h, levando caixinhas de som e fantasias iluminadas por lâmpadas de LED, - mesma data, local, horário e estética utilizada pelo bloco, fundado em 2014 – como forma de protesto à proibição. Entre as iniciativas estavam as intituladas “Minha Luz é Resistência”, “Meu Carnaval é de LED” e “Ninguém Apaga o meu Led”.

Um fato muito semelhante ocorreu no ano anterior, quando, em 22 de fevereiro de 2019, por volta das 16h, o bloco carnavalesco Pérola da Guanabara utilizou a sua página no Facebook para informar que não realizaria seu já tradicional cortejo pelas ruas da Ilha de Paquetá. O aviso se deu na véspera do habitual dia de desfile (o sábado anterior ao carnaval), buscando evitar que os milhares de foliões que todos os anos lotavam as barcas da Praça XV enfrentassem mais de uma hora de viagem em vão:

PeroladEs, comunicamos que amanhã, dia 23.02, não iremos realizar o bloco de carnaval em Paquetá. Um excelente carnaval a todos, com muita música, alegria e liberdade! Esperamos que ano que vem possamos celebrar juntos os 10 anos da Pérola da Guanabara. Agradecemos aos moradores e amigos de Paquetá pelo carinho e acolhimento. Viva o carnaval! Viva Paquetá! Beijos, Coletivo Pérola da Guanabara.<sup>14</sup>

Em pouco tempo, os mais de 200 comentários da publicação (que conta com mais de 200 curtidas e dezenas de compartilhamentos) passaram a teorizar sobre os motivos do cancelamento, levantando questões já em pauta entre os foliões que previam esta pausa nas

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/peroladaguanabara/posts/2756005624417501>. Acesso em: 11 dez. 2019

atividades do bloco.<sup>15</sup> Entre as suposições constavam desde problemas com os moradores da ilha até a falta de autorização da Prefeitura, incluindo algumas que punham em dúvida a veracidade do post (que poderia ser um meio de reduzir o número de foliões, evitando grandes aglomerações). Além disso, havia o questionamento se o bloco Bijou da Baía, que havia realizado o seu primeiro desfile no domingo anterior, em Paquetá, tinha relação com o Pérola da Guanabara. Entre os comentários na publicação destaca-se o de Victor Nogueira, com dezenas de curtidas, afirmando que “o bloco quem faz é a galera... certeza que vão ter músicos, bandas, ambulantes. O pessoal vai de qualquer jeito nas barcas como protesto. E vamos movimentar o comércio do bairro”. Assim como no exemplo do Minha Luz é de Led, um modo de enxergar os blocos de carnaval desconstruindo a ideia de mediação a partir de seus organizadores.

Outro exemplo neste sentido ocorreu em 2018, quando o bloco Viemos do Egyto também usou as suas redes sociais (Instagram e Facebook) para informar que não realizaria o seu tradicional desfile na terça-feira de carnaval. Neste caso, foi apontado como motivo para a sua não realização a falta de apoiadores para viabilizar a sua estrutura:

RALÁLaH ô Cay\_Rio de Janeyro! Estamos recebendo muitas mensagens do nosso amadx povo EGYPCIX, a respeito do desfyle doyrado que akontece tradycionalmenty há 6 anos na terça de carnaval no Rio. Algumas agendas estão no ar, incluindo o Viemos do Egyto em sua programação de carnaval com informações que não procedem, portanto viemos atualizar geral\_oficyal por aki. Que o Egyto cresceu muito já sabemos, essa potência é puro ouro y ousadia. Pero, junto com a multidão vem a necessidade de uma estrutura de produção básica para assegurar a diversão de todos os egypcixs. Infelizmente as condições que viabilizam a estrutura que o bloco necessita hoje não foram conseguidas esse ano no RJ, tentamos diversas formas de colocar o bloco na rua, mas a crise que acomete o Estado impacta diretamente tanto em nossa vida, quanto na vida dos possíveis apoiadores. Nessa direção, esse ano só conseguimos abrir o portal nas ruas de Sampa no dia 11\02 DOMINGO 16H no Largo do Payssandu, y temos a ctz que ele nunca será fechado no Cay\_Rio, nosso céu\_gênese. Esperamos voltar em breve, pra explodir de dourado em tons de arco írys as ruas do Rio de Janeiro komo dy costume. Pretendemos levantar as pirâmides em muitos outros kantos, itinerando nossa vertygem dionisiaca. Carnaval é sinônimo de flanação. FLANEMOS\_o Egyto está em toda parte! Seguimos distribuindo amor.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Durante o período pré-carnavalesco o autor deste trabalho conversou com variados foliões que apontavam que o bloco seria cancelado, ou mudaria de data, ou ainda mudaria de nome.

<sup>16</sup> Optamos por manter a grafia original da publicação, que possui uma linguagem própria, que revela características interessantes sobre o bloco. Disponível em: [https://www.facebook.com/vviemosdoegyto/posts/2270253609883643?\\_\\_tn\\_\\_=K-R](https://www.facebook.com/vviemosdoegyto/posts/2270253609883643?__tn__=K-R). Acesso em: 11 dez, 2019

Diferentemente do ocorrido com o Pérola da Guanabara e o Minha Luz é de Led, o anúncio do Viemos do Egyto se deu duas semanas antes da data habitual de seu desfile, fato decisivo para o que ocorreu a seguir. Entre os mais de 500 comentários da publicação no Facebook – em grande medida ocupado com críticas ao cancelamento do cortejo – destaca-se a divulgação de um outro bloco (fundado horas depois do post acima), que desfilaria na habitual data do Viemos do Egyto, apresentado como solução para os foliões que já haviam preparado suas fantasias egípcias para a terça-feira de carnaval. Nascia assim o Saymos do Egyto.

Um outro exemplo ocorreu em 2006, quando o Cordão do Boitató, após 10 anos se apresentando no domingo de carnaval, resolveu transferir a sua data de realização para o dia seguinte, segunda-feira<sup>17</sup>. O adiamento, que pegou de surpresa muitos de seus foliões, tornou-se oportunidade para a criação de um outro bloco, o Cordão do Boi Tolo, como narra um de seus fundadores,<sup>18</sup> Luís Almeida:

No dia 26 de fevereiro de 2006 em vários guias de blocos e jornais do dia constavam que o Cordão do Boitató faria seu desfile na Praça XV pela manhã. Centenas de foliões com suas fantasias coloridas apareceram, mas logo perceberam que haviam ganhado um “bolo” do bloco. Em vez de tristeza ou revolta, a mágica do carnaval de rua livre e autêntico se deu. Um vendedor de cerveja com um pandeiro e um senhor com reco-reco começaram uma batucada, as pessoas foram se juntando em volta, outros instrumentos surgiram, as pessoas convocavam outros músicos a virem, até que chegou um trompetista solitário. Uma menina pegou um papelão no chão e escreveu com batom “Cordão do Boi Tolo” e prendeu num tridente de diabo. Estava fundado o bloco por combustão espontânea.

A partir destes exemplos propomos algumas questões. Estariam o Pérola da Guanabara ou o Minha Luz é de Led representados pelos foliões dispostos a se reunir apesar do seu cancelamento? O Saymos do Egyto seria um novo Viemos do Egyto? Do mesmo modo, o grupo de pessoas batucando no domingo de carnaval, na Praça XV, em 2006, seria o Cordão do Boitató? Ou seria uma parte isolada dele? Ou apenas um outro bloco? Quando aquele grupo deixou de ser o Cordão do Boitató (ou um bloco sem nome) e se tornou o Cordão do Boi Tolo? O bloco surgiu quando a menina escreveu o seu nome no cartaz ou quando se iniciou a batucada?

<sup>17</sup> Cf. O GLOBO. Boitató deixa de desfilar, Boi Tolo surge no lugar. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 27 fev. 2006.

<sup>18</sup> Em entrevista ao autor deste trabalho, em 19 de dezembro de 2018, por e-mail.

Algumas respostas para estas questões podem estar na abordagem de Victor Turner<sup>19</sup>, que, citando os estudos de Van Gennep, considera que os grupos que escapam à rede de classificação no espaço cultural são aqueles que se encontram numa fase liminar. Estas entidades – que não se situam “aqui nem lá”, mas no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pelos costumes e convenções – vivenciam um rito de passagem dividido em três fases: separação (comportamento simbólico que significa o afastamento da estrutura social anterior), a margem ou limiar (etapa em que as características do sujeito ritual são ambíguas) e agregação (onde a passagem se consuma, estado relativamente estável mais uma vez).

Tal abordagem, traduzida para o ambiente carnavalesco, dialoga com os estudos de Felipe Ferreira, que, ao invés de situar as festividades carnavalescas como uma representação cultural pronta, visa entendê-las através da teoria ator-rede, na qual destaca a construção de redes sociais entre objetos e sujeitos (atores) em constante busca por estruturas estáveis, que se organizam em dois tipos principais:

Redes estabilizadas, em que um elemento central determina as relações por meio de normatizações; e as redes instáveis, em que os padrões estão sendo constantemente negociados. Nos dois casos, entretanto, a organização gera ininterruptamente (em graus diferentes, de acordo com o caso) incertezas, ambivalências, transgressões e resistências e, portanto, uma contínua renovação<sup>20</sup>

Deste modo, ao abordarmos o surgimento de novos agrupamentos carnavalescos a partir do cancelamento/adiamento de outros blocos, entendemos que, mais do que apenas registrar as diferenças entre estes grupos, nos interessa observar esta manifestação popular a partir da rede de relações entre seus membros e seus processos de negociação.

### **MEU BLOCO NA RUA:**

Diferentemente das escolas de samba, em que existe uma evidente relação profissional (que proíbe determinados profissionais de trabalharem para mais de uma agremiação, por exemplo), nos blocos, os atores envolvidos nem sempre são associados a

---

<sup>19</sup> TURNER, Victor W. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>20</sup> FERREIRA, Felipe. Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

algum grupo específico, justamente por circularem entre variados agrupamentos<sup>21</sup>. Do mesmo modo, enquanto nas escolas de samba existem diretorias estabelecidas, cargos e funções de conhecimento público, nos blocos, que exigem um menor contingente organizacional, estas informações nem sempre são tão claras, muitas vezes pelo caráter informal dessas agremiações (principalmente entre os blocos não-oficiais).<sup>22</sup>

Além disso, num cenário em que o Ministério Público aponta que “os organizadores de blocos ‘piratas’ assumem responsabilidade integral por todos os sinistros que venham a ocorrer em seu percurso”<sup>23</sup>, há de se supor que alguns grupos optem por manter propositalmente os nomes de seus responsáveis em sigilo. Deste modo, se estabelece uma não tão clara percepção relacional entre sujeitos e objeto.<sup>24</sup> Cabe ressaltar também que, diferentemente das escolas de samba, nos blocos carnavalescos as fronteiras entre plateia e atores (brincantes) são mais diluídas, muitas vezes quase imperceptíveis, permitindo uma maior liberdade performativa do folião, facilitando a sensação de pertencimento de qualquer interessado.

Deste modo, inserindo o folião num espaço de regras mais flexíveis, em que este se sente mais livre para contribuir, num ambiente em que não prevalece o caráter competitivo pela busca de um campeonato, os blocos se estabelecem como um terreno fértil para a interação colaborativa, não exclusiva, de seus membros. Neste contexto, a Internet se tornou uma aliada do carnaval de rua, na qual, através de páginas criadas com os nomes dos blocos, estas agremiações têm acesso a um grande público sem a necessidade de intermediários. Uma importante ferramenta de divulgação, principalmente para os grupos não-oficiais, uma vez que, por atuarem, muitas vezes, na “clandestinidade”, não possuem o mesmo espaço na grande mídia que os blocos autorizados pela Prefeitura.

Uma das peculiaridades relacionadas ao ambiente virtual destes grupos “clandestinos” diz respeito ao anúncio das datas e horários dos desfiles, que muitas vezes

---

<sup>21</sup> Segundo Barroso e Gonçalves, é comum que organizadores dos blocos não oficiais participem do carnaval da Sapucaí ou dos desfiles dos blocos regulamentados pela Prefeitura, por exemplo. Cf. BARROSO, Flávia Magalhães, GONÇALVES, Juliana. Subversão e purpurina: um estudo sobre o carnaval de rua não-oficial do Rio de Janeiro. Intercom, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, set 2016.

<sup>22</sup> Não queremos aqui apresentar um discurso totalizante em que os organizadores dos blocos não oficiais (aos olhos da Prefeitura) atuam em total anonimato. Porém, suas identidades não são divulgadas ou de tão fácil acesso quanto as dos responsáveis pelos blocos autorizados ou dos dirigentes das escolas de samba, por exemplo.

<sup>23</sup> Cf. PORCIDONIO, Gilberto. Quando brincar o carnaval a toda hora vira um vício. O Globo, Rio de Janeiro, p. 15, 13 jan. 2019.

<sup>24</sup> A partir de uma perspectiva bakhtiniana, Barroso e Gonçalves consideram que este sigilo está ligado ao caráter subversivo da festa carnavalesca, vista como um lugar em que sujeitos anônimos atuam num espaço desregulado, uma prática que dialoga também com o hábito de se mascarar nos dias de folia. Cf. BARROSO, Flávia Magalhães, GONÇALVES, Juliana. Subversão e purpurina: um estudo sobre o carnaval de rua não-oficial do Rio de Janeiro. Intercom, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, set 2016.

ocorre faltando poucos dias (ou até mesmo horas) para a sua realização. Enquanto a programação dos blocos oficiais consta em listagem divulgada pela Riotur, os grupos não oficializados, como o Minha Luz é de Led,<sup>25</sup> por exemplo, costumam revelar os detalhes do seu cortejo cerca de uma hora antes de tomar as ruas (Figura 2).

**Figura 2:** Imagem postada no story do perfil no Instagram do bloco Minha Luz é de Led com as informações sobre o evento de 2019, cerca de uma hora antes de sua realização.



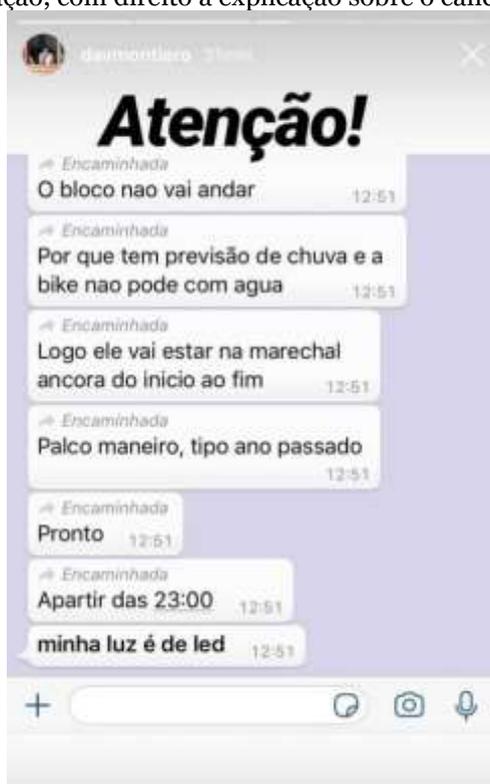
Fonte: Reprodução da internet.

Nesta dinâmica se propõe uma experiência diferenciada em relação ao evento, testando a ansiedade dos seus frequentadores que devem ficar atentos às redes sociais dos blocos, reforçando o engajamento de suas publicações, estratégia que também pode servir, no caso de desfiles sem nenhum tipo de autorização, para dificultar a repressão dos órgãos oficiais de fiscalização. Por outro lado, é através deste “mistério” sobre as coordenadas dos desfiles que se abre margem para uma enxurrada de boatos sobre os detalhes do cortejo. Neste contexto, alguns foliões (ou perfis dedicados a divulgação de blocos<sup>26</sup>) assumem um papel de relevância ao se mostrarem conhecedores da informação que tantos desejam (Figura 3) – que pode ser verdadeira ou não.

<sup>25</sup> Salientamos que embora o Minha Luz é de Led, nos últimos anos, tenha realizado as suas apresentações de maneira autorizada (como evento e não como bloco), a agremiação, nestas ocasiões, manteve o mistério sobre o horário e local de seu desfile. Segundo Akhaê, fundador do bloco Tome Conta de Mim (em entrevista ao autor deste trabalho, em 17 de junho de 2020, por telefone), muitas vezes estas autorizações da Prefeitura saem só no dia do evento, o que pode explicar a “demora” para informar ao público o seu horário de realização.

<sup>26</sup> Além dos perfis oficiais dos blocos de carnaval, destacam-se nas redes sociais páginas especializadas em publicar conteúdo sobre os eventos dos blocos carnavalescos da cidade do Rio de Janeiro, incluindo suas coordenadas de desfile. Entre estes perfis, destacamos o do Segue o Bloco, no Instagram, que conta com mais de 40 mil seguidores. Disponível em: <https://www.instagram.com/segueobloco/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

**Figura 3:** Story postado por um perfil no Instagram com detalhes da edição de 2019 do Minha Luz é de Led, 11 horas antes da sua realização, com direito a explicação sobre o cancelamento do habitual cortejo



Fonte: Reprodução da internet.

É preciso salientar que os blocos, como atividade marcada pelo caráter coletivo, congregam uma grande quantidade de membros internos que podem reunir além dos organizadores e músicos, pernaltas<sup>27</sup>, dançarinos, prestadores de serviço e mais uma gama de indivíduos que, ao saberem dos detalhes da apresentação, queiram divulga-los para o seu círculo de amigos, que, por sua vez, compartilham a informação com outros colegas e assim por diante. O anúncio prévio destas informações, seja por membros internos ou externos, com informações verdadeiras ou falsas, envolve uma gama de interesses que congregam desde a busca pela “democratização” da programação até o uso da notícia como fonte de prestígio para o emissor, ou ainda serve como indício do caráter turístico da festa (Figura 4):

<sup>27</sup> Pernalta é o modo como os artistas que andam sobre pernas de pau são conhecidos nos blocos carnavalescos do Rio de Janeiro

**Figura 4:** Foto de placa que circulou pelo WhatsApp com informação bilingue e telefone de contato para maiores detalhes edição de 2019 do Minha Luz é de Led, marcado para as 20h, três horas antes do seu horário oficial, possivelmente para atrair a presença de turistas.



Fonte: Reprodução da internet.

Neste cenário, em que organizadores de blocos perdem o controle sobre as suas informações, as páginas nas redes sociais destes grupos passam também a ser utilizadas para desmentir notícias e reorientar o público. Para tanto, neste emaranhado de informações (verdadeiras ou falsas), alguns blocos enfrentam o desafio de se destacarem entre os perfis que facilmente podem ser criados em seu nome ou com nomes parecidos<sup>28</sup>, como ocorrido com o Cordão do Boi Tolo, já no dia de sua fundação, em 2006. Neste caso, o bloco, que prega a livre participação de músicos em sua banda e dos foliões na decisão do roteiro do cortejo, viu a necessidade de criar um núcleo organizador, como aponta Luís Almeida:<sup>29</sup>

Naquela noite já havia cinco comunidades no Orkut homenageando o Boi Tolo. Combinamos então em centralizar em uma delas, onde marcamos uma reunião para sacramentar que o bloco teria uma vida longa. Por um bom

<sup>28</sup> Em 2019, por exemplo, foi lançado o evento Abertura Nada Oficial do Carnaval de Rua (disponível em: <https://www.facebook.com/events/343636009725138/>. Acesso em: 11 dez, 2019), produzido pela empresa Circuito Carioca de Festas, ocorrido na Lagoa Rodrigo de Freitas, com serviços que incluíam cerveja artesanal. Logo alguns foliões alertaram para que não se confundisse com outro evento marcado para o mesmo final de semana, a Abertura do Carnaval Não Oficial (disponível em: <https://www.facebook.com/events/1022427487959616/>. Acesso em: 11 dez, 2019), desfile que ocorre anualmente nas ruas do Centro do Rio de Janeiro e que surgiu como uma “bloqueata” realizada em 2009 contra as normas do decreto N°. 30659, em que a Prefeitura passou a determinar a necessidade de autorização das agremiações carnavalescas. Em 11 de agosto de 2010 este decreto foi substituído pelo de n° 32.664.

<sup>29</sup> Um dos fundadores do Boi Tolo, em entrevista ao autor deste trabalho, em 19 de dezembro de 2018, por e-mail.

tempo todas as decisões no bloco eram tomadas de forma aberta naquela comunidade. Mais para frente, em função de ser necessário discussões e escolhas de estratégias mais complexas, passamos a fazer reuniões, onde surgiu um embrião de um grupo organizador. Esse grupo teve inúmeras formações ao longo dos anos, mas sempre com a característica de não haver hierarquia entre os membros e considerar os foliões do bloco nos cortejos a autoridade máxima. Hoje no grupo temos historiadores, geógrafos, professores, aposentados, jornalistas, artistas, etc.

Além de espaço para informes e debates, as redes sociais adquiriram uma relevância tamanha para os blocos que alguns deles surgiram primeiro no ambiente virtual, para só depois se materializarem nas ruas, como é o caso do Saymos do Egyto, um dos agrupamentos carnavalescos aqui estudados. Esta agremiação, que surgiu apenas como “um evento restrito a um grupo de amigos”,<sup>30</sup> desolados com o cancelamento do cortejo do Viemos do Egyto, em 2018, viralizou no Facebook, e em menos de 24 horas após a sua criação na rede social, já contava com mais de 1000 pessoas confirmadas.

O que se viu a seguir, nas duas semanas de preparação para a sua primeira apresentação, é um exemplo do caráter colaborativo da festa carnavalesca de rua. Na lista de discussão do evento,<sup>31</sup> observam-se posts que incluem iniciativas para garantir o sistema de som, a divulgação de uma “vaquinha virtual” visando a divisão das despesas e até mesmo uma ideia de fusão com outro grupo, que também pensou numa proposta parecida, como se vê no comentário do usuário Carlos Henrique Brito: “Fiz o bloco Kadê o Egyto, vou fundir com o de vocês! Vamos ocupar a cidade com muito dourado”.<sup>32</sup>

Exemplos como este traduzem o caráter permeável do carnaval de rua, em que os foliões – além da livre participação nos cortejos – puderam, com o advento da internet, se inserir mais facilmente na organização destas agremiações, tarefa antes reduzida a alguns membros mais próximos do núcleo responsável. Vale salientar que esta interferência “externa” pode ou não servir aos interesses estabelecidos pelo grupo fundador do bloco, fazendo com que haja uma descentralização do poder dentro da agremiação. No caso de conflitos e impasses, alguns membros podem se desligar, outros grupos podem se inserir, novas estratégias podem ser estabelecidas, incluindo o fim das atividades ou o surgimento de novos blocos a partir do agrupamento original. Mas será que o desmembramento destas

---

<sup>30</sup> Glauco Von Ness, um dos fundadores do Saymos do Egyto, em entrevista ao autor deste trabalho, em 20 de agosto de 2019, por e-mail.

<sup>31</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/events/162878927823675/?active\\_tab=discussion](https://www.facebook.com/events/162878927823675/?active_tab=discussion). Acesso em: 11 dez, 2019

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/events/162878927823675/permalink/162923721152529/>. Acesso em: 11 dez, 2019

agremiações representa um corte nas relações anteriormente estabelecidas e o fim dos impasses?

### **QUE BLOCO É ESSE? EU QUERO SABER...**

“O carnaval, mais forte que qualquer outra forma de teatro, pode expressar uma poderosa crítica ao status quo”, aponta Richard Schechner<sup>33</sup>. Em seu trabalho sobre a rua como palco para performances, o autor afirma que o poder de produzir diversão pública passa pelas mãos de novos líderes, frequentemente pessoas comuns, através de festividades não-oficiais que reescrevem o ritual, dissolvendo os moldes restritivos. Ainda segundo o autor, nestes tempos, em que a liderança oficial não é mais o foco da atenção, não está mais no controle, tais festividades reverberam através da população de maneiras imprevisas, deixando as autoridades “nervosas”, pois “permitir que as pessoas se reúnam nas ruas é sempre flertar com a possibilidade de improvisação – o inesperado pode acontecer”<sup>34</sup>.

Esta abordagem, que nos leva a questionar a tentativa de ordenação da festa carnavalesca pela Prefeitura do Rio de Janeiro, visando regular os locais, horários, datas e a quantidade de blocos da cidade, também pode servir para investigar as tensões entre as agremiações que cancelaram ou adiaram seus desfiles e as que nelas se inspiraram, revelando uma possível intenção reguladora dos blocos originários sobre os que dele surgiram. Deste modo, a expressão “autoridades nervosas” com a subversão carnavalesca apontadas por Schechner não serviria também para descrever os organizadores dos blocos que se sentissem plagiados?

Tomando como exemplo as agremiações aqui estudadas, podemos observar diferentes posturas diante dos novos blocos surgidos. O Pérola da Guanabara, por exemplo, que em seu post não divulgou os motivos da pausa em suas atividades, revelou, através de um de seus fundadores, Guilherme Pecky, que uma das razões do cancelamento do desfile de 2019 advinha da não conciliação entre os interesses da agremiação com os dos moradores da Ilha de Paquetá – bairro em que a agremiação tradicionalmente se apresenta –, o que levou o coletivo a se desmotivar: “tem gente [que mora na ilha] que não gosta do bloco e luta contra, mas felizmente tem ampla maioria que defende”. Além disso, a dificuldade em se garantir a estrutura da festa, terminou por desmobilizar a organização:

---

<sup>33</sup> SCHECHNER, Richard. The future of the ritual. In: LIGIÉRO, Zeca (Org.). Performance e Antropologia de Richard Schechner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 157.

Nós sempre tivemos diálogo com os órgãos públicos em geral, sempre os consideramos importantes para a ocupação do espaço, mas, com o tamanho que a festa tomou, a garantia e estrutura que nos davam se tornou insuficiente. Como não vimos perspectiva de melhora, esse foi o principal motivo para pararmos com os eventos.<sup>35</sup>

O que se viu a seguir foi que, diante do cancelamento do carnaval do Pérola da Guanabara, alguns membros do seu núcleo organizador decidiram criar o bloco Bijou da Baía, embora, ainda segundo Guilherme Peely, se estabeleça uma separação entre os grupos: “não temos relação como coletivo, mas é uma iniciativa de alguns de nós com uma pegada até de 'protesto' bem-humorado. Tem um quê de ‘como não reconhecem a Pérola, talvez como Bijou a coisa vá!’”. Este exemplo revela a complexidade das relações entre sujeitos e objetos: como se traduz na prática o discurso do Pérola da Guanabara de independência em relação ao Bijou da Baía se, o novo bloco, como iniciativa de alguns membros do grupo original, revela, assim, a sua ligação?

Nesse momento, é importante observar as diferenças entre as duas agremiações. O Pérola da Guanabara foi criado como uma festa junina, em 2011. No ano seguinte fez sua estreia como bloco, num domingo pós-carnaval. Com o passar dos anos, o bloco cresceu, se “oficializou” através da Prefeitura e estabeleceu como data de seu desfile o sábado anterior ao carnaval. Em 2018, segundo listagem divulgada pela Riotur, o público estimado do Pérola girava em torno de 10.000 pessoas, o que equivalia ao triplo da população de Paquetá (segundo o censo 2010)<sup>36</sup> e a quase o dobro da movimentação de todos os outros 10 blocos oficiais da ilha juntos.

Estabelecida a tensão com os moradores de Paquetá, a criação de um novo bloco, desta vez sem a autorização da Prefeitura (logo, sem a necessidade de cumprir com as suas orientações), sem desfrutar de uma fama consolidada (o que reduziu o número de foliões interessados) e negando uma ligação explícita com o Pérola da Guanabara, pode ser encarada como uma oportunidade ideal para que o grupo continuasse fazendo o seu carnaval sem enfrentar os problemas da antiga agremiação.

Vale salientar que parte das críticas dos moradores direcionadas ao Pérola da Guanabara advinha de uma incoerência em relação ao acordado com a Prefeitura: apesar da listagem de blocos oficiais classificar a sua apresentação como um desfile parado, situado na

---

<sup>35</sup> Em entrevista ao autor deste trabalho, em 11 de julho de 2019, por e-mail.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5145907/4132673/Esquistossomoseincidencia.pdf>. Acesso em: 11 dez, 2019.

Praça São Roque, em Paquetá, era costume observar uma apresentação musical que se iniciava na Praça XV, localizada no Centro do Rio de Janeiro, que se mantinha ativa dentro das barcas, durante o trajeto até a ilha, e que seguia em cortejo pelas ruas do bairro, até chegar ao seu ponto regulamentado. Segundo Guilherme Pecky,<sup>37</sup> ao longo deste percurso tocavam “desde músicos amigos, até grupos autônomos. A postura do Pérola sempre foi de receber todos, mas tentar deixar claro que aquela não era uma dinâmica 'nossa', principalmente para o pessoal da ilha”.

Na prática esta fronteira entre grupos não é muito clara<sup>38</sup>. Diferentemente de manifestações como as escolas de samba, em que temos um roteiro de apresentação e podemos identificar seus membros pelos figurinos apresentados, nos blocos de rua não há um portão de início ou de término, em que se possa delimitar o cortejo. Neste sentido, o discurso de que os grupos que vêm da Praça XV não fazem parte do bloco, não se revela muito eficaz. Na verdade, esta mistura e dificuldade de delimitação traduz o ilusório controle que a organização de um bloco pode supor possuir. Por outro lado, pelo fato de o Bijou da Baía ter desfilado duas semanas antes do carnaval – enquanto a realização (ou não) do desfile do Pérola, na semana seguinte, ainda era um mistério para o grande público – facilitou-se a ideia de separação entre um grupo e outro.

No caso do Saymos do Egyto, este destacamento em relação ao bloco que lhe serviu de inspiração se revela de modo ainda menos explícito. Este, com nome similar ao do agrupamento originário, influenciado pela mesma estética e que, nos dois primeiros anos, desfilou no mesmo dia de carnaval que o Viemos do Egyto costumava realizar os seus cortejos, logo passou a gerar uma certa confusão entre os mais desavisados,<sup>39</sup> levando estes grupos a se posicionarem. Em 2019, segundo ano consecutivo em que o Viemos do Egyto não desfilou pelas ruas do Rio de Janeiro, o bloco aproveitou uma polêmica entre o Saymos do Egyto e o grupo de vendedores ambulantes,<sup>40</sup> para deixar clara a tensão entre os blocos<sup>41</sup>.

---

<sup>37</sup> Em entrevista ao autor deste trabalho, em 11 de julho de 2019, por e-mail.

<sup>38</sup> No álbum de fotos do Pérola da Guanabara no Facebook, por exemplo, não aparecem somente registros da festa na Praça São Roque, mas também fotos tiradas nas barcas e durante o cortejo realizado na ilha (Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/peroladaguanabara/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/peroladaguanabara/photos/?ref=page_internal). Acesso em: 11 dez, 2019)

<sup>39</sup> Desde o surgimento do Saymos do Egyto, o autor deste trabalho percebe a confusão na fala de foliões, que misturam os nomes dos blocos. Alguns, inclusive, desconhecem que se tratam de grupos distintos, ou supõem tratar-se de agremiações de um mesmo núcleo organizador.

<sup>40</sup> Ao criar um evento de pré-carnaval através do Facebook (Disponível em: <https://www.facebook.com/events/646679152435006/>. Acesso em: 11 dez, 2019) realizado em ambiente público (Arco do Teles) o Saymos do Egyto sinalizou que seria proibida a entrada de bebidas, visando que os foliões consumissem nas barracas do lugar. Com o questionamento de alguns brincantes nas redes sociais, pela regulação em local público, o bloco respondeu que “camelô, em sua maioria trabalha com carga roubada”, o que logo provocou críticas que levaram a página do evento sair do ar. Com a repercussão negativa, o bloco emitiu um pedido de desculpas, mas manteve a proibição.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/viemosdoegyto/>. Acesso em: 11 dez, 2019.

Na nota, publicada na quinta-feira anterior ao carnaval, o Viemos do Egyto externava seu apoio aos trabalhadores de rua ao mesmo tempo em que ressaltava a sua não relação com outros blocos que tenham nomes parecidos:<sup>42</sup>

Admira nosso brylho, quer se inspirar? Cópia y multiplica a inserção de corpos fora do padrão que já são marginalizados pela sociedade criando um lugar seguro para que sintam-se konvidades a ser parte da folia, para que trabalhem e se divirtam sem nóia. Deu uma vontadezinha de se apropriar? Se apropriem do discurso ANTI machista\_ antitransfóbico, reproduzam e espalhem consciência política\_afe(S)tiva sem moderação.<sup>43</sup>

Glauco Von Ness<sup>44</sup>, fundador do Saymos do Egyto, comenta que as críticas em relação ao seu grupo carnavalesco se apoiam no fato de o bloco ocupar o “lugar” do Viemos do Egyto. O curioso é observar que, ainda segundo o organizador, o Saymos não existiria se o Viemos não deixasse de desfilas, logo, o “culpado” pela criação do novo bloco seria justamente aquele que mais o critica.

A partir deste caso, analisando de um ponto-de-vista mais amplo, será que é possível falar em apropriação numa festa que busca se caracterizar justamente por não ter dono? Num universo que se pretende anárquico, no qual blocos de rua desafiam a tentativa de normatização dos órgãos públicos, a ideia de um bloco reprimir outro pode parecer contraditória. Por outro lado, para Schechner<sup>45</sup>, “com raras exceções, festivais atuais e carnavais não são inversões da ordem social, mas espelhos dela mesma”. Ou seja, apesar da aparência de desordeiras, as brincadeiras carnavalescas reafirmam questões do cotidiano.

Longe de querer apontar soluções para estas questões, interessa-nos aqui buscar entender as razões que levam a este cenário. Para tanto, retomamos Schechner<sup>46</sup>, que afirma que os prazeres do carnaval revolucionário derivam da sua existência como um evento “antioficial” e do desejo ilusório, mas muito forte, de estender, tanto temporalmente quanto o que for espacialmente possível, as liberdades que lhes foram tiradas. Esta abordagem pode nos servir para compreender a premissa dos blocos que se inspiram naqueles que cancelam ou adiam seus desfiles, visando manter o espírito do grupo originário, mesmo que a seu contragosto. Neste mesmo sentido, Marc Augé<sup>47</sup> nos lembra que “a Grécia vencida civilizou Roma e contribuiu para sua influência intelectual. Na África, os conquistadores adotavam

---

<sup>42</sup> Vale ressaltar que a terça-feira de carnaval também serve como data de realização de um outro bloco de influência egípcia, o Agytoê, fundado em 2014, mas não observamos contra este uma rixa declarada.

<sup>43</sup> Mantivemos a grafia original da publicação, que utiliza o modo de escrita característico do bloco.

<sup>44</sup> Em entrevista ao autor deste trabalho, em 20 de agosto de 2019, por e-mail.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 159.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 193.

<sup>47</sup> AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

tradicionalmente os deuses dos povos sobre os quais haviam triunfado”, estratégia que poderia ser comparada a dos blocos que utilizam características importantes dos grupos que lhe serviram de inspiração, de modo a captar o interesse de seus foliões.

Abordagens como esta cabem também ao protesto realizado por foliões em retaliação ao cancelamento do desfile do Minha Luz é de Led, em 2020. Diferentemente dos casos anteriores, não foi criado exatamente um bloco de carnaval em seu lugar, ao menos não de modo “institucionalizado”. Talvez pelo prazo curto entre o anúncio da proibição do desfile (segunda-feira, 17 de fevereiro) e a data que tradicionalmente a agremiação fazia seu carnaval (quinta-feira, dia 20), os interessados não tiveram tempo de organizar uma estrutura elaborada, como foi o caso do Saymos do Egyto, ou, por outro lado, seria proposital a opção por um modelo aparentemente mais simples ou “desorganizado” justamente para driblar a fiscalização aos blocos que marcou aquele carnaval.<sup>48</sup> Ao invés de um palco ou um sistema móvel de som comandado por um DJ, como utilizado pelo Minha Luz é de Led, a manifestação reuniu grupos de pessoas que levaram suas próprias caixinhas de som, além de alguns músicos, promovendo uma reunião de pequenos núcleos, numa mistura de ritmos.

A iniciativa começou a se desenhar logo que o Minha Luz é de Led comunicou o cancelamento de seu desfile. O que se viu a seguir foi a divulgação em massa, por meio de correntes de WhatsApp e stories no Instagram de foliões, de diferentes propostas, como as denominadas Minha Luz é Resistência e Meu Carnaval é de LED, que, embora compartilhassem de interesses semelhantes, não identificavam um núcleo organizador<sup>49</sup> ou informativo destes intentos. Motivado a unificar todas estas ideias, o folião Thiago Schuina criou um evento no Facebook<sup>50</sup> nomeado “Ninguém apaga o meu Led”, que reuniu mais de 6000 interessados: “minha ideia surgiu exatamente por causa dessas diversas iniciativas. No entanto, horários e locais eram divergentes, então criei o evento para tentar fazer todas elas convergirem e se unificarem em um mesmo local e horário”.<sup>51</sup> Para evitar qualquer interpretação equivocada, Thiago deixava claro em sua descrição, que tinha apenas criado a página virtual, que não estava organizando nada além disso, que não se

---

<sup>48</sup> A estratégia utilizada pela Prefeitura para coibir os blocos carnavalescos não autorizados em 2020 foi a de multar as agremiações “piratas” de acordo com a “quantidade de lixo por metro quadrado” deixada pelo cortejo. A Secretaria de Eventos utilizava os dados dos CPFs dos organizadores para efetuar a cobrança, o que levou um bloco a se intitular “CPF do Crivella”, trazendo em seu estandarte o número do documento do prefeito. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/blocos-nao-oficiais-ignoram-ameaca-de-multa-brincam-carnaval-pelas-ruas-24251365> Acesso em 19 jun. 2020.

<sup>49</sup> Não queremos aqui afirmar que este núcleo organizador não tenha existido, mas por não ser facilmente observado, impediu que os interessados tivessem uma fonte de informações confiável para sanar suas dúvidas.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/events/205102877548322/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

<sup>51</sup> Em entrevista concedida ao autor deste trabalho, em 18 de junho de 2020, por inbox no Facebook.

tratava de um novo bloco: “a proposta era apenas reunir os descontentes para um ‘isoporsinho’, socializar, aproveitar as fantasias que já estavam prontas e fazer desse gesto uma forma de protesto”.

Não demorou para que o Minha Luz é de Led se pronunciasse. Nos dois dias posteriores ao aviso do cancelamento de seu desfile, o bloco emitiu notas de esclarecimento,<sup>52</sup> em que afirmava que a proibição ao seu cortejo era real e não uma estratégia de marketing ou tentativa de despistar o público, conforme alguns tinham cogitado. Além disso, aproveitou para salientar que não estavam organizando nenhum movimento de protesto: “As iniciativas que têm surgido nas redes sociais são manifestações do público que, naturalmente, se sente lesado com a proibição do evento”.

No dia marcado, na Praça XV – local em que o Minha Luz é de Led faria o seu carnaval, por ser mais amplo e com melhor acesso do que a Praça Marechal Âncora, visando minimizar o impacto no trânsito e melhorar as condições de segurança do público -, lá estavam os foliões iluminados pelas suas fantasias com lâmpadas movidas a pilhas e baterias (Figura 5). Apesar do sucesso da empreitada, Thiago Schuina minimiza sua interferência: “acho que meu papel foi apenas divulgar um ponto de encontro comum para o evento, mas a construção foi orgânica nos comentários das notas oficiais divulgadas nas redes sociais do Minha Luz é de Led”.

**Figura 5:** Foliões reunidos em protesto pelo cancelamento do desfile do bloco Minha Luz é de Led, em 2020



Fonte: Fotografia de Thiago Schuina.

52

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/minhaluzled/photos/a.1397554517167574/2550942841828730/>

e

<https://www.facebook.com/minhaluzled/photos/a.1397554517167574/2552077658381915/>. Acesso em 18 jun. 2020.

A partir dos exemplos aqui estudados, podemos observar que, seja diante de uma inspiração evidente ou não, os blocos ou protestos surgidos a partir de outros grupos, apesar de uma influência inicial, se veem diante de questões específicas, cujas respostas são de sua própria alçada. Logo, com o passar do tempo, diante de suas transformações internas, reflexo das tensões em que o agrupamento está inserido, cada vez mais a impressão de plágio pode ser desfeita.

Em casos mais recentes, como o do Bijou da Baía ou do protesto contra o cancelamento do Minha Luz é de Led, o grau de inspiração em relação às agremiações originárias carecem de mais tempo (ou carnavais) para ser aferido, embora a continuidade de ambas as iniciativas sejam incertas, uma vez que não existem redes sociais ligadas ao bloco – em 2020, quando o Perola da Guanabara retomou suas atividades, no tradicional sábado anterior ao carnaval, não houve notícias sobre o Bijou – e, pelo menos segundo Thiago Schuina, um novo protesto depende da continuidade ou não do Minha Luz é de Led.

Além disso, cabe salientar que, em 2019, ao optar por uma data de desfile diferente daquela do bloco originário, e por não se oficializar através da Prefeitura, as características que ligam o Bijou da Baía ao Pérola da Guanabara são as de serem fanfarras que desfilam em Paquetá, organizadas por algumas pessoas em comum.<sup>53</sup> Já no caso do protesto pelo cancelamento do Minha Luz é de Led se torna impossível definir suas características uma vez que, além dos núcleos de amigos reunidos em torno de caixinhas de som, foi possível observar milhares de foliões iluminados seguindo grupos de fanfarras “sem nome”<sup>54</sup> que circularam por aquela região da cidade, não constituindo-se de um todo homogêneo.

Tomando como exemplo o Cordão do Boi Tolo, grupo mais consolidado, podemos observar mudanças fundamentais em relação ao coletivo que lhe serviu de inspiração. O bloco, segundo o jornal O Globo<sup>55</sup>, já em seu ano de estreia, embora tenha desfilado no mesmo local em que o Boitatá realiza suas atividades, fez o seu cortejo de modo diferente, sem o uso de aparelhagem de som, com os músicos tocando no chão. Hoje em dia, embora dividam a manhã do domingo de carnaval, o Cordão do Boitatá, autorizado pela Prefeitura,

---

<sup>53</sup> Vale salientar que existem outros blocos em moldes parecidos na Ilha de Paquetá. Entre eles destacamos o Boto Marinho, que costuma desfilar duas semanas após o carnaval, num domingo, também se constituindo como uma fanfarra, que utiliza como uma espécie de slogan a frase “Não é boi, não é Pérola, é o Boto Marinho! (revelando uma possível semelhança entre o grupo e o Cordão do Boi Tolo e o Pérola da Guanabara). Disponível em: <https://www.instagram.com/botomarinho/>. Acesso em: 11 dez, 2019.

<sup>54</sup> Segundo Thiago Schuina (em entrevista ao autor deste trabalho, em 18 de junho de 2020, pelo inbox do Facebook), o referido cortejo não era nenhum bloco propriamente dito, mas o resultado de uma convocação de alguns músicos, membros de vários blocos aleatórios da cidade, como o Technobloco e o Bloco das Tubas.

<sup>55</sup> Cf. O GLOBO. Boitatá deixa de desfilar, Boi Tolo surge no lugar. O Globo, Rio de Janeiro, p. 6, 27 fev. 2006.

se apresenta num palco no Paço Imperial,<sup>56</sup> enquanto o Boi Tolo desfila num cortejo que abrange desde o Centro até alguns bairros da Zona Sul, como um bloco não-oficial. Além disso, enquanto o Boitatá se apresenta em eventos privados ao longo do ano, tendo inclusive lançado um disco<sup>57</sup> em 2004, o Boi Tolo aposta apenas no encontro de foliões na rua, de forma desmonetarizada.

Já o Saymos do Egyto, embora tenha apenas três carnavais em sua história, também já revela mudanças consideráveis em relação ao bloco “original”. Enquanto o Viemos do Egyto, fundado em 2011, utilizava uma bananobike<sup>58</sup> e realizava cortejo na madrugada da terça gorda pelas ruas do Centro, o novo grupo fez a sua estreia em um desfile parado, em frente ao Real Gabinete Português de Leitura, utilizando um carro de som. Já em 2019, a apresentação foi antecipada para as 15h, ainda na terça-feira, nos arredores do Paço Imperial, utilizando a estrutura de um palco<sup>59</sup>. Já em 2020, devido aos problemas ocorridos no ano anterior, com as “dificuldades referentes às questões burocráticas com os órgãos públicos” e visando “mais conforto e segurança”, o Saymos do Egyto optou por fazer o seu carnaval em um local privado, o Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, ainda no Centro da cidade, com entrada grátis, no sábado de carnaval<sup>60</sup>. Atualmente, as semelhanças entre os grupos residem, mais evidentemente, na inspiração estética, na participação de DJs e na similaridade do nome.

Vale salientar que, com o passar dos anos, tanto o Cordão do Boi Tolo quanto o Saymos do Egyto passaram por situações semelhantes às vividas pelos blocos que lhe originaram, revelando a velocidade da dinâmica em que estão inseridos. Segundo Luís Almeida,<sup>61</sup> fundador do Boi Tolo, a agremiação já serviu de celeiro para a criação de outros grupos: “a Orquestra Voadora nasceu a partir do encontro de músicos dentro do Boi Tolo e em outros blocos. (...) A partir da OV surgiram várias gerações de músicos que hoje formam inúmeras fanfarras, quase todas saindo no carnaval”. Já o organizador do Saymos do Egyto, revela ter convivido, em 2019, com a falta de controle sobre o seu público:

---

<sup>56</sup> Além desta apresentação no palco, o Cordão do Boitatá costuma desfilar em cortejo no domingo anterior ao carnaval, no Centro. Em 2019 foi na rua Henrique Valadares.

<sup>57</sup> Cf. Atrações da temporada carnavalescas. O Globo, Rio de Janeiro, Jornais de Bairro, p. 7, 14 fev. 2006.

<sup>58</sup> Bananobike é o nome dado a um triciclo com sistema de som utilizado por blocos de carnaval. Para saber mais, acesse <https://oglobo.globo.com/rio/bananobike-turbina-de-blocos-de-rua-festas-de-celebridades-17540437>.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/events/742796196097229/>. Acesso em: 11 dez, 2019.

<sup>60</sup> Como o evento era sujeito à lotação, foi posto à venda um lote de ingresso pago, que dava direito a entrada em qualquer horário, com fila exclusiva. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1229473267262634/>.

<sup>61</sup> Em entrevista ao autor deste trabalho, em 19 de dezembro de 2018, por e-mail.

Neste ano identifiquei poucas pessoas caracterizadas de egípcios, acredito que as que se prepararam para o Saymos acabaram sendo afastadas pelas pessoas da rebarba do Fervo da Lud<sup>62</sup> que não estavam caracterizadas.<sup>63</sup>

A partir destes exemplos, como relacionar as distintas iniciativas abordadas neste artigo senão apenas pelo fato de quatro delas terem surgido a partir do cancelamento ou adiamento de desfiles? O carnaval carioca, marcado por constantes processos de negociação, espaço de tensões, resistência e incorporação como estratégias de sobrevivência – como aponta Felipe Ferreira<sup>64</sup> -, apresenta, em suas agremiações, um processo de contínuo movimento. Deste modo, conflitos entre grupos, formação de dissidências, assim como mudanças estruturais são apenas partes de um todo, espécie de retrato, que registra um dado momento, assim como o apresentado por este trabalho. Porém, ainda assim, através da abordagem destas relações podemos captar a dinâmica destes grupos, entender não só como esta festa se configura, mas o que podemos esperar dela. Sem, é claro, esquecer que qualquer previsão pode não se concretizar ou outra possa tomar o seu lugar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Diferentemente de outras festividades, o carnaval de rua não possui uma conduta muito bem definida de regras, atribuindo-lhe um caráter popular, onde a festa pertence a seus atores. Através do diálogo entre as agremiações aqui estudadas observamos como se dá, de diferentes maneiras, a mediação destes blocos carnavalescos, tanto através de seus organizadores quanto por meio de seus foliões, numa relação em que o papel das mídias sociais ganha evidente destaque.

Nesta dinâmica, em que são reveladas questões como a noção de pertencimento e apropriação, percebem-se variadas estratégias, traduzindo o caráter plural destas manifestações carnavalescas. Incluem-se aí conflitos entre algumas agremiações enquanto outras compartilham integrantes. Umas dividem a mesma data de desfile, outras não. Enquanto algumas possuem nomes consolidados e redes sociais próprias, outras atuam de modo mais discreto. Algumas coexistem, enquanto outras surgiram quando as que lhe

---

<sup>62</sup> Fervo da Lud é o bloco de carnaval da cantora Ludmilla, que em 2019 encerrou o seu desfile na Avenida Primeiro de Março, pouco antes do início da apresentação do Saymos do Egyto, o que serviu para compartilhar os seus foliões.

<sup>63</sup> Em entrevista ao autor deste trabalho, em 20 de agosto de 2019, por e-mail.

<sup>64</sup> FERREIRA, Felipe. Escritos carnavalescos. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2012.

serviram de inspiração sucumbiram.<sup>65</sup> Nestas variáveis podem ser compartilhadas as opções estéticas e musicais, dependendo do momento. Um fluxo contínuo que revela o caráter dinâmico dos blocos de rua.

Por fim, vale registrar que, embora estas agremiações não desfilem sob diretrizes normativas evidentes como a das escolas de samba, e mesmo sendo consideradas anárquicas, mantêm em sua estrutura algumas normas e regras próprias, variáveis, mas que são importantes para investigarmos suas dinâmicas. Observar estes aspectos pode ser um caminho interessante para começar a compreender os blocos de rua, manifestação popular tão marcada por aspectos de imprevisibilidade.

Recebido em 14 de dezembro de 2019

Aceito em 20 de junho de 2020

---

<sup>65</sup> O Viemos do Egyto, por exemplo, nunca mais desfilou desde então. O único evento registrado em suas redes sociais, desde 2018, é a realização da festa Carnaval Dy Ouro, em local fechado, em Lisboa, na sexta-feira de carnaval, em 2020 (disponível em: <https://www.instagram.com/p/B8ZBEfJk7T/?igshid=3dvdyum3k2n> Acesso em: 15 junho, 2020). Não encontramos nenhum perfil do Bijou da Baía, do Minha Luz é Resistência ou do Meu Carnaval é de LED, nem no Facebook nem no Instagram. Os outros grupos se mantêm ativos, com eventos ou respondendo solicitações.